

Base Aérea de Monte Real:
da esquerda para a direita
Eurofighter *Thyphoon*, F-16AM,
EH-101, DA-20, C-295M
e C-130



REAL THAW 2012

Texto Tenente-Coronel PILAV Carlos Lourenço Fotos CAVFA 1Sar Élio Domingos



A Força Aérea (FA), através do Comando Aéreo (CA), levou a cabo, uma vez mais, o seu exercício anual Real Thaw (RT). No presente ano, o exercício decorreu entre os dias 23 de Janeiro e 3 de Fevereiro de 2012.

O objectivo principal do Real Thaw é a preparação e treino das nossas unidades e subunidades (UN), simulando uma possível projecção de forças num Teatro de Operação (TO). O exercício está focado na integração e interoperabilidade das forças participantes, de forma a proporcionar-lhes o treino táctico adequado para que garanta as suas qualificações nas missões que têm atribuídas, e envolvendo-as num espectro de missões o mais abrangente e realista possível.

O exercício foi sediado na Base Aérea nº 5 (BA5), em Monte Real, que funcionou como *Deployable Operating Base* (DOB) para as unidades. As missões descolavam diariamente para as áreas de treino, onde decorria a acção do dia, regressando posteriormente à Base. Com este modelo, pretendeu-se maximizar as coordenações inerentes a cada uma das missões, bem como assegurar um *briefing* e *debriefing* conjunto, dando assim ênfase aos aspectos de segurança e às lições aprendidas.



C-130

EH-101





C-295M

Foto SAJ Rui Bruno

PARTICIPAÇÃO NO RT12

Apesar de estar inicialmente planeada a participação alargada dos *European Participating Air Forces* (EPAF)¹, o que representaria a deslocação/destacamento de 20 aviões F-16M para Portugal, esta situação ficou comprometida devido ao envolvimento desses países na Operação Líbia.

Assim, participaram no exercício:

Meios Portugueses

- As Esquadras 201/301 com F-16M.
- A Esquadra 501 com C-130 (avião de transporte).
- A Esquadra 502 com C-295M (avião de transporte).
- A Esquadra 552 com ALIII (helicópteros táticos).
- A Esquadra 601 com P-3C (avião com missão *Intelligence, Surveillance, and Reconnaissance*).
- A Esquadra 751 com EH-101 (helicópteros transporte).
- O *Control and Reporting Center* (CRC “BATINA”).
- A equipa de *Forward Air Control* (FAC) da FA.
- A equipa da Unidade de Protecção da Força (UPF) da FA.

– O Exército através da Brigada de Reacção Rápida (Pára-quedista, Comandos e Operações Especiais) e da Brigada Mecanizada.

– A Marinha através do Destacamento de Acções Especiais (DAE).

Meios Aliados

– Equipas FAC dos Estados Unidos da Holanda e da Bélgica.

– Eurofighter *Typhoon* da Força Aérea Espanhola.

Meios de Suporte

– O avião E-3A NATO AWACS, que tem

como missão a detecção de alvos aéreos.

– Os aviões de guerra electrónica *Dassault Falcon DA-20*, que têm como missão criar um ambiente de guerra electrónica adverso, proporcionando deste modo treino às tripulações.

CENÁRIO DO EXERCÍCIO

Nesta quarta edição desta série de exercícios, o cenário desenvolvido para o RT12 permitiu à Força Aérea treinar e qualificar as suas unidades nas missões que lhes estão cometidas, bem como desenvolver novas competências à luz da análise feita aos últimos focos de conflito.

Simulando a entrada de uma força multinacional num Estado em colapso, com oposição de forças convencionais e insurgentes, o cenário incluiu várias operações em simultâneo: assistência humanitária, operações de apoio à paz e operações de combate.

O exercício foi concebido para reflectir os desafios das últimas operações militares (*Military Operations Other-Than-War – MOOTW*), e, como tal, englobou todo o espectro de desafios táticos inerente a estas, fazendo-o num período de tempo limitado e numa área geográfica relativamente pequena, onde foram executadas operações de alta intensidade, como o resgate de cidadãos não-combatentes (*Non-combatant Evacuation Operation – NEO*) e missões de contra insurgência.

Dentro do espectro de operações realizadas com apoio dos meios aéreos, destacam-se as seguintes:

- Destruição/neutralização de alvos pré-planeados com apoio de F-16M;
- *Convoy Operations*, deslocação de forças motorizadas com protecção de aviões de combate F-16M e helicópteros ALIII;
- Infiltração de forças terrestres em território

REAL THAW 2012

CONTROLADOR AÉREO AVANÇADO

FORWARD AIR CONTROLLER – FAC

Numa análise global aos últimos conflitos, facilmente se conclui que as missões de *Close Air Support* (CAS) ganharam extrema importância no desenvolvimento das campanhas aéreas.

É também um dado adquirido que as missões de CAS se desenvolvem em cenários cada vez mais dinâmicos, difusos e complexos, o que origina dificuldades acrescidas à sua execução. Estas dificuldades traduzem-se no aumento da probabilidade de errar, e com isso, nos inerentes danos colaterais e riscos de fratricídio.

É neste tipo de cenários que o Real Thaw (RT) é projectado/planeado e onde surge a figura do *Forward Air Controller* (FAC). O FAC é um militar com uma responsabilidade fulcral no emprego das táticas do Poder Aéreo no apoio à acção/manobra das forças de superfície. Tendo em conta a realidade dos últimos Teatro de Operações (TO), aliada ao rápido desenvolvimento tecnológico, é exigido ao FAC uma extraordinária capacidade/flexibilidade de gestão de informação no apoio da força de superfície no campo de batalha, aliada à operação simultânea de uma grande panóplia de equipamentos. O FAC caracteriza-se cada vez mais como um militar



A bordo do EH-101, elementos do Destacamento de Acções Especiais da Marinha e FAC

completo e decisivo nas operações actuais. É em exercícios como o RT, que a Força Aérea tem conseguido proporcionar treino efectivo a estes elementos através da sua integração em Forças Terrestres do Exército e na Marinha, particularmente em forças de elite – como Pára-quedistas e equipas de Operações Especiais (tanto do Exército como da Marinha). O FAC é neste contexto um

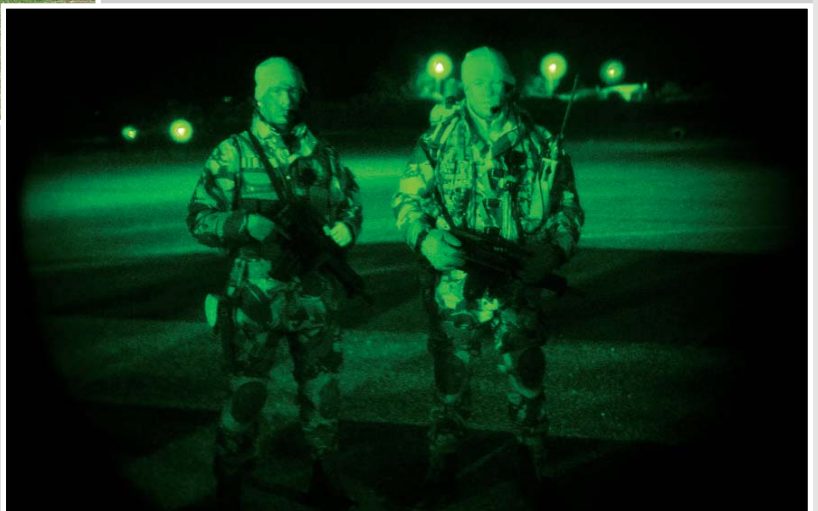


FAC no terreno no desempenho da missão

que se distingue pela sua capacidade de adaptação à força que apoia e ao meio onde opera no campo de batalha. Pois, para cumprir a sua missão, sempre a partir de uma posição avançada no terreno, é-lhe exigido que saiba sobreviver e acompanhar quem apoia. No RT os FAC desenvolveram diversas operações, com apoio dos meios aéreos que participaram no exercício, onde se destacam:

- Destruição/neutralização de alvos pré-planeados com apoio de F-16;
- *Convoy Operations*, deslocação de forças motorizadas com protecção de aviões de combate F-16 e helicópteros Alouette III;
- Infiltração no território inimigo via aérea através de helicópteros EH-101;
- Controlo de *Restricted Operations Zone* – ROZ, como aeródromos através de F-16, Alouette III e C-295M para a evacuação e resgate de um determinado grupo de pessoas, missões designadas de *Non-combatant Evacuation Operation* – NEO;
- Operações de *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance* – ISR com F-16 e P3-Orion, na recolha de informação e monitorização do campo inimigo.

O Controlo Aéreo Avançado personalizado na figura do FAC torna-se assim, na actualidade, uma capacidade fundamental no espectro de missão da Força Aérea.



FAC durante uma operação nocturna



F-16AM

inimigo, por via aérea, através de helicópteros EH-101 e aviões C-130 e C-295M;

- Controlo de áreas de operação, como por exemplo alguns aeródromos, através de F-16M, EH-101, ALIII, C-295M e C-130 para a evacuação e resgate de um determinado grupo de pessoas, missões NEO;
- Operações de ISR com F-16M e P-3C, na recolha de informação e monitorização do campo inimigo.

O RT12

O RT12 foi o único exercício táctico nacional no ano 2012, conduzido em ambiente multinacional, onde as nossas Esquadras tiveram a oportunidade de maximizar e aperfeiçoar as suas acções/missões, retirando as mais valias necessárias para o seu crescimento e a sua consolidação táctica. Para além do treino operacional e das competências ganhas, a sua realização é também muito importante para a manutenção do moral das Esquadras de voo, pois motiva as pessoas envolvidas estimulando o seu profissionalismo e espírito de missão.

No entanto, atravessamos tempos difíceis, com inúmeras restrições orçamentais, onde a optimização e eficiência dos recur-

C-295M



sos, cada vez mais escassos, assume um papel preponderante. Assim, o planeamento atempado foi fundamental para a identificação de soluções eficientes, capazes e inovadoras, que de forma séria, permitiram traçar um caminho firme e coerente na sua concretização. Neste âmbito, o exercício foi objecto de um planeamento minucioso visando maximizar e rentabilizar a sua componente de treino em rela-

ção ao associado gasto de horas de voo. No entanto, considerando a mais valia inerente à qualidade táctica das missões, é nossa opinião que as horas executadas no exercício foram mais rentáveis do que seriam se realizadas noutro contexto.

O Real Thaw é um exercício que tem vindo a ganhar importância no panorama nacional e internacional. Fruto de uma campanha para atrair Forças Aéreas es-

P-3C/CUP+

Foto SA Rui Bruno



trangeiras, conta actualmente com a participação de vários meios nacionais e internacionais, situação que em muito amplia a afirmação e o prestígio da Força Aérea, na realização de grandes eventos.

Na presente conjuntura económica, onde os recursos financeiros são cada vez mais restritos, o que acaba por inviabilizar a participação das nossas Esquadras em exercícios no exterior, a sua manutenção e realização é cada vez mais importante. Os custos de participação mais significativos serão sempre suportados pelas Forças Aéreas estrangeiras, uma vez que se deslocam a Portugal, sendo que à Força Aérea Portuguesa proporciona a possibilidade de ter um bom exercício táctico, a baixo custo, preparando as suas Esquadras para futuros empenhamentos. Para além do propósito da Força Aérea, a realização deste tipo de exercícios acaba por trazer a Portugal militares/elementos exteriores, factor que também contribui para a dinamização económica da região onde se realizam.

O Real Thaw atingiu um patamar de sucesso elevado, fruto de um trabalho coordenado, em que se fez apelo à cooperação e ao espírito de inter-ajuda entre as várias entidades envolvidas, acautelando dessa forma o êxito categórico do evento. Mas a sua concretização foi também um desafio estimulante, só possível porque contou com uma equipa que agarrou/executou cada acção/função/competência/responsabilidade com enorme profissionalismo e espírito de missão, espelhando dessa forma a nossa inegável marca de bem-fazer. 🇵🇹

Eurofighter Typhoon



Alouette III



(1) Comunidade de países Europeus (Bélgica, Dinamarca, Holanda, Noruega) que como Portugal operam o F-16M. Esta comunidade partilha, de forma coordenada, os custos do desenvolvimento do avião F-16M, garantindo assim total compatibilidade na ope-

ração do avião e diminuindo significativamente os custos associados a esse desenvolvimento. Para além deste, a comunidade tenta encontrar/explorar outras formas de cooperação/partilha nas áreas do treino ou mesmo em operação.